



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

CAMILLA SANTOS DANTAS

**HISTÓRIAS PINTADAS: ATELIÊ DE PINTURA COM IDOSOS
ACOLHIDOS**

Brasília, 2018

CAMILLA SANTOS DANTAS

HISTÓRIAS PINTADAS: ATELIÊ DE PINTURA COM IDOSOS ACOLHIDOS

Trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais, Habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Lisa Minari Hargreaves

Brasília, 2018
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Camilla Santos Dantas

Histórias Pintadas: Ateliê de pintura com idosos acolhidos

Banca Examinadora:

Orientadora - Profa. Dra. Lisa Minari Hargreaves
Instituto de Artes – IdA, UnB

Profa. Dra. Thérèse Hofmann
Instituto de Artes – IdA, UnB

Profa. Dra. Tatiana Yokoy de Souza
Faculdade de Educação – FE, UnB

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à Virgem Maria pela força e todas as oportunidades, pelo apoio dos meus pais e irmãos, que além de sempre me motivarem a seguir meus sonhos, acompanharam minhas lutas psicológicas e emocionais ao longo dos últimos anos.

Agradeço ao meu namorado e às minhas amigas, que desde sempre me apoiam incondicionalmente.

Agradeço à Universidade por me presentear com orientadoras extremamente dedicadas, humanas e capazes, e, por fim, pela Universidade de Brasília, seus membros, o Departamento de Artes e seus integrantes, que enriqueceram meus últimos 5 anos.

“Há beleza na vida, há beleza em tudo. Vocês veem?... Há beleza na alegria, e mesmo na saudade, na tristeza, no sofrimento e até na partida, há beleza. A vida é uma beleza.”

Nise da Silveira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. CAMINHOS TRAÇADOS ATÉ O PROJETO DE ATELIÊ.....	8
1.1. Desenvolvimento.....	8
1.2. Arte para quem?.....	13
1.3. Arte em pesquisa e ação: de aprendiz a artista.....	17
2. ROTEIRO DE PESQUISA DE CAMPO.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
ANEXOS	
Anexo A - Flyer de divulgação da exposição.....	45
Anexo B - Autorização do uso de imagem.....	46
REFERÊNCIAS.....	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Três planetas sob a luz do sol (sobre cores).....	32
Figura 2: Liberdade (sobre cores).....	33
Figura 3: Curioso (sobre cores).....	35
Figura 4: Folha (sobre infância).....	36
Figura 5: Imaginário (sobre infância).....	37
Figura 6: Árvore (sobre infância).....	38
Figura 7: Sem título (sobre lugares de origem).....	39
Figura 8: Prisão familiar (sobre família).....	40
Figura 9: Mãe e filho (sobre família).....	41
Figura 10: Sem título (sobre direitos dos idosos).....	42

INTRODUÇÃO

Assistir o filme *O Coração da Loucura* (2015), que mostra a vida de Nise da Silveira (1905 - 1999) e seu trabalho artístico com pacientes de hospitais psiquiátricos me levou a pensar sobre o que a arte poderia fazer em ambientes sociais segregados, levando-me diretamente a refletir sobre a situação do idosos no Brasil hoje e encontrando duas barreiras: sendo estas a falta de material literário e a falta de projetos sociais envolvendo arte com pessoas idosas.

De acordo com as pesquisas realizadas pelo IBGE (2016), a população idosa cada dia cresce mais no Brasil e em breve tende a ultrapassar em curto prazo, em números, a população jovem. Para haver um ambiente propício que abarque todas as necessidades dessa população crescente, é preciso, primeiramente desvencilhar-se de certos preconceitos que existem em nossa sociedade que prejudicam direta e indiretamente o grupo de pessoas mais velhas. Uma das crenças errôneas mais comuns é acreditar que, com a velhice, as pessoas param de se desenvolver cognitivamente e se tornam incapazes de aprender. De acordo com estudos da psicologia na área do desenvolvimento humano segundo Neri (2006), as pessoas idosas não são apenas capazes de aprender, como também, se tiverem os estímulos certos e um ambiente propício, podem potencializar sua capacidade de aprendizagem em certas áreas, como capacidade lógica do pensamento, compreensões intelectuais e verbais e formação de conceitos.

Considerando uma necessidade cada vez maior de incluir pessoas idosas nos ambientes de aprendizagem e estímulo do intelecto, não se pode deixar de fora a cultura, que é um importante componente quando se fala sobre conhecimento. De acordo com a Constituição Federal, todo brasileiro deve ter direito à cultura. Mas será que todo brasileiro de fato tem acesso incondicional a uma cultura ligada às artes, que é tão importante para o ser humano? Percebe-se que existe uma elite artística que afasta grupos sociais não inseridos nesse núcleo que é muitas vezes favorecido, causando, portanto, uma dificuldade no veículo da arte à comunidade de idosos brasileiros. Além de uma dificuldade de propagação que afeta negativamente essas pessoas há uma contribuição com a perpetuação do preconceito social acerca deste grupo. Devido ao fato de muitos idosos conviverem diariamente com dificuldades

relacionadas à saúde, falta de apoio e políticas públicas, além de, muitas vezes, falta também de compreensão e suporte familiar, deve-se pensar em estratégias de inserção dessa comunidade em atividades estimulantes, que proporcionem bem-estar e promovam experiências compartilhadas, estreitando laços e capacitando socialmente os envolvidos.

A partir destes fatos com que a sociedade brasileira convive, senti-me interessada em fazer uma pesquisa de campo que levasse arte aos idosos juntamente com a implementação de métodos teórico-práticos de educação em ambientes em grupo.

As oficinas estéticas e pesquisa-ação são exemplos de métodos teórico-práticos que proporcionam interações entre pesquisador, objeto de pesquisa e participante. Ambos são exemplos de ações que funcionam em grupos, levando aos participantes oportunidade para se reconhecerem enquanto indivíduos singulares e procura de resoluções de qualquer tipo de problema. A partir das duas metodologias citadas, estudou-se formas apoiadas em estudos psicológicos e práticos com idosos para levar um ateliê de pintura até a Unidade de Acolhimento para Idosos (UNAI), que acolhe idosos do sexo masculino temporariamente, para promover, além de processos de autoestima, reconhecimento, habilidades sociais, cultura e lazer, também uma construção nova de significações poéticas para as obras de arte produzidas no período de realização das oficinas.

1. Caminhos traçados até o projeto de ateliê

Para compreender melhor a necessidade de levar um ateliê de pintura a uma unidade de acolhimento para idosos, é preciso entender, primeiramente, vários aspectos intrínsecos à ideia do projeto em questão. Nesta primeira seção, será discutido o envelhecimento da população brasileira, mostrando uma mudança radical na base da pirâmide etária. A partir do conhecimento desta mudança, é importante adaptar novos meios de educação e desenvolvimento voltados para uma população que cada vez mais cresce. Considerando esta necessidade, é importante, primeiramente, compreender como se dá o desenvolvimento cognitivo do ser humano, principalmente a partir dos seus primeiros anos de velhice. Partindo dessas afirmações, é considerável compreender as dificuldades que permeiam ações que buscam a aprendizagem desse grupo vigente para poder fazer pesquisas efetivas de métodos novos e eficazes para a inserção dessa comunidade num ambiente cultural e acolhedor. A partir da pesquisa de metodologias já conhecidas e colocadas em prática, juntamente com o acréscimo de novas estratégias que fogem do conceito de arteterapia¹, foi construída uma estratégia com base teórica para colocar em prática o curso de extensão e oficina que é objeto desta produção.

¹ “A arteterapia é um método baseado no uso de várias formas de expressão artística com uma finalidade terapêutica. (...) A reflexão desenvolvida mostra que, apesar das diferentes molduras teóricas, a arteterapia é permeada por uma concepção estética do humano, visto como um ser criativo, capaz de se transformar em artista da própria vida. Conclui-se, então, que a arte pode ser uma ferramenta valiosa para a atuação do psicólogo nos mais diferentes contextos, vinculada ao seu compromisso ético de contribuir para que o sujeito se (re)constitua como autor da própria história.” CASANOVA (2014)

1.1 Desenvelhecimento²²

Desde a década de 40, o Brasil começou a sofrer mudanças em seu padrão demográfico. Inicialmente de forma tímida, mas que se acentuou a partir da década de 60 com um declínio visível nas taxas de fecundidade, redução das taxas de crescimento da população e alterações estruturais da pirâmide etária, resultando num crescimento lento do número de crianças e adolescentes, juntamente com um crescimento do número de pessoas idosas e em idade ativa. Para o acontecimento desse processo, as pesquisas recentes do IBGE (2016) apontam melhorias na qualidade de vida e saúde dos brasileiros e transformações significativas nos aspectos econômicos e sociais em algumas regiões do Brasil nessas últimas décadas. Alguns desses aspectos derivam-se de uma acentuação do processo industrial no país (iniciando-se na década de 30), mudanças essas que provocaram alterações intensas no cenário social, ampliando os mercados nacionais e de trabalho, além de uma cada vez mais crescente urbanização. Juntamente com todas essas mudanças, também podemos ressaltar novos procedimentos de controle de doenças infectocontagiosas, atuando na melhora de vários segmentos sociais e sobrevivência dos brasileiros, além de uma alteração no comportamento de reprodução das famílias.

Após esse início de alterações populacionais, hoje, no século XXI, podemos perceber que esses índices de envelhecimento na população crescem com cada vez mais rapidez. Desde 2012, a população brasileira manteve esse padrão e ganhou mais de 4,8 milhões de idosos, decorrente tanto da melhora de condições de saúde, acarretando numa maior expectativa de vida, quanto do número de filhos por mulher que caiu em detrimento de uma menor taxa de fecundidade. Portanto, hoje temos uma população idosa que cresce cada vez mais num país que se desenvolve cada vez mais. Entretanto, não se pode falar de um desenvolvimento macro sem antes considerarmos um desenvolvimento micro, de populações, cultura e até mesmo individual dos brasileiros (IBGE, 2016).

Ao falar de desenvolvimento do ser humano, pensa-se rapidamente no desenvolvimento da criança até a fase adulta. Existem diversos estudos, principalmente como os de Piaget (1940 - 1945) que analisam metodicamente cada

²²*Desenvelhecimento*: neologismo utilizado para denotar o desenvolvimento no processo da velhice.

passo do desenvolvimento do embrião até o nascimento, do momento do nascimento até os primeiros meses de vida, as muitas fases e períodos de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

“Todas as etapas (do desenvolvimento) que levam a criança, do nascimento à idade adulta, mostram uma estreita ligação entre a evolução de sua personalidade e de sua inteligência.” (WALLON, 1963, p. 78) Wallon (1963) trouxe para a psicologia novas perspectivas e detalhes sobre a evolução singular do ser humano e hoje existem pesquisas para um cada vez mais eficiente método educativo, tentando de forma competente abranger cada indivíduo inserido nesse grande sistema.

Entretanto, no que diz respeito às novas estratégias para proporcionar uma melhora do desenvolvimento cognitivo, autonomia e aprendizagem da população idosa, percebemos uma carência de pesquisas e materiais didáticos. É de extrema importância enxergarmos os métodos de aprendizagem para jovens, adultos e principalmente idosos com novos olhares. Nos encontramos em uma época em que a longevidade dos brasileiros é muito maior do que nas últimas décadas, ou seja, é preciso encontrar novas formas de ensino e inovar os ambientes para troca de experiências capazes de estender o aprendizado até idades nunca antes alcançadas. Para alcançar esses objetivos e trazer um novo olhar de cuidado que procura um maior avanço e expansão das mentes das pessoas idosas, é necessário readequar o ensino para permitir a aprendizagem em idades avançadas, coisa não feita antes. (NERI, 2006)

As pessoas tem a ideia errônea de que o idoso não aprende mais, a partir de certo período da vida e que ao atingir um nível específico de desenvolvimento da fase adulta, nossa inteligência declina. Muito se fala sobre desenvolvimento na infância, adolescência e até um pouco da vida adulta, com a EJA (Educação de Jovens e Adultos) (FREIRE, 1993), mas muito se acredita que ao chegar na velhice, a pessoa pára de aprender. Ao encararmos a história dos estudos da Psicologia relativos ao desenvolvimento, é notável que o mesmo tipo de estudo com pessoas idosas é relativamente novo. Apenas a partir da década de 1960, pode se perceber que houve um envelhecimento populacional ao longo do século XX e muitos cientistas responsáveis por teorias da psicologia infantil e da adolescência estavam também envelhecendo, embora notassem que as crenças acerca da velhice não correspondiam

à realidade que vivenciavam naquele momento de suas vidas. Juntamente com esse aspecto, podemos também acentuar os movimentos sociais norte-americanos que procuravam defender os direitos das minorias, incluindo mulheres e idosos, tendo a percepção do que deveria ser o papel da mulher idosa na sociedade. A partir daí surgiram as primeiras teorias sociológicas que falavam sobre o envelhecimento (Havinghurst & Albrecht 1953), além da colaboração de Jung, Bühler e Erikson.

Nos dias de hoje já existem algumas teorias e estudos acerca do desenvolvimento na velhice, graças às contribuições de Paul B. Baltes, que trouxe à psicologia novas concepções no que diz respeito à ação das influências biológicas e culturais em como se formará a mente do indivíduo na velhice.

“A biologia e a cultura, atuando em relação recíproca, contextualizam o desenvolvimento e o envelhecimento. Na infância inicial e na velhice avançada os processos genético-biológicos graduados por idade têm mais força na regulação do desenvolvimento do que os de natureza sócio-cultural.” (NERI, 2006)

Entretanto, para que exista uma melhoria no desenvolvimento em anos mais maduros, é necessário que exista uma progressão cada vez maior na expressão cultural e disponibilidade de agentes culturais, ligadamente a um espaço sócio-cultural e histórico que seja propício para o ambiente de aprendizado, sendo estas boas ações de políticas públicas, acesso à cultura e uma sociedade acolhedora que compreenda a necessidade do estar em constante desenvolvimento intelectual e social.

De acordo com Neri (2006, apud Baltes 1993), após uma pesquisa foi derivado um conjunto de princípios relativos aos padrões de desenvolvimento intelectual de idosos e seus desempenhos cognitivos. Esse modelo intelectual foi composto pela “inteligência fluida” e “inteligência cristalizada”.

“A inteligência fluida reflete capacidades mentais primárias, tais como indução, flexibilidade figurativa e integração, evidenciadas pela proficiência no cumprimento de tarefas verbais (séries de letras), espaciais (matrizes) e topológicas e na derivação de informação viso-espacial complexa, em situações cujo tempo de execução é controlado. Declina com a idade, em função das mudanças neurológicas típicas do envelhecimento e dos efeitos acumulativos de doenças e acidentes. A inteligência cristalizada inclui

capacidades e processos intelectuais adquiridos a partir da interação da experiência com as capacidades fluidas e são exemplificadas pela compreensão verbal, a formação de conceitos, o raciocínio lógico tanto quanto o geral.” (NERI, 2006)

A partir dessas definições e nomeclaturas juntamente com uma pesquisa de campo citada por Neri (2006, apud Baltes e Staudinger 1996) foi possível notar que no processo do envelhecimento existem mudanças, trazendo consigo declínio em capacidades traduzidas como “inteligência fluida”, ao mesmo tempo que as capacidades inseridas na “inteligência cristalizada” não denotam incompetência ou declínio; estas podem ser melhoradas e fortalecidas pelas pessoas mais velhas, compensando a decaída de certas capacidades de elaboração da informação decorrentes do processo de envelhecimento. Entretanto, não se pode afirmar que este processo será igual para toda pessoa, visto que cada ser humano passa por um processo diferente de contextualização socio-cultural, além de diferentes contextos biológicos, considerando também a existência de padrões de envelhecimento intelectual patológicos. Portanto, para trazer uma afirmação concreta de que a partir de certa idade mais avançada a pessoa possa manter e até redobrar seus níveis de desenvolvimento cognitivo, é necessário que existam fatores biológicos, culturais e sociais apropriados; uma boa situação e inserção de políticas públicas e acolhimento de sua comunidade para que essas teorias se afirmem. Ponderando todas as afirmações acima, é também importante trazer à tona que a inteligência muda qualitativamente ao longo da vida, principalmente na fase adulta e na velhice, conjuntamente, estas mudanças dependem principalmente das “oportunidades oferecidas pela cultura do que dos mecanismos de base genético-biológica que estão na base da inteligência humana.” (NERI, 2006)

O Brasil é um país que demograficamente está envelhecendo e em breve a população idosa irá superar a população jovem, fazendo-nos questionar se temos o que é necessário para dar apoio e boas condições de vida aos brasileiros hoje e num futuro próximo. Para que um país possa se desenvolver bem, é necessário que sua população se desenvolva individual e amplamente em conjunto com aspectos externos a ela. Como um país pode continuar a se desenvolver se existe pouca exploração do conhecimento acerca do que é envelhecer e se desenvolver na velhice? É preciso

buscar novos horizontes ao pensarmos em estratégias de desenvolvimento, pois a busca pela educação com idosos se tornará cada vez maior e a mácula da ideia de que com a idade o ser humano se desfaz de sua juventude intelectual precisa ser desfeita.

1.2. Arte para quem?

Ao falarmos do aprimoramento cognitivo do ser humano, não podemos deixar de lado a cultura³. Neste presente trabalho, tratar-se-á do objeto artístico, que é cultural, como o principal meio para alcançarmos novos métodos de aprendizagem em ambientes informais. Dentro dos muitos significados de cultura, o presente capítulo abordará dentro dos contextos artísticos, do saber e da aplicação do espírito aos estudos que permeiam a arte. De acordo com o artigo 215 da Constituição Federal (1988), “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” (BRASIL, 1988)

“§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

- I - defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;
- II - produção, promoção e difusão de bens culturais;
- III - formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;
- IV - democratização do acesso aos bens de cultura;
- V - valorização da diversidade étnica e regional.”

Ao analisarmos a arte nos dias de hoje, percebemos um afastamento no que diz respeito a arte contemporânea de alta complexidade de compreensão que encontramos em museus e universidades da cultura de massa (STALLBRASS, 2014). Essa segregação artística afasta as pessoas de forma geral e afasta mais ainda

³ s. f. Ato, arte, modo de cultivar; Lavoura; Conjunto das operações necessárias para que a terra produza; Vegetal cultivado; Meio de conservar, aumentar e utilizar certos produtos naturais; Aplicação do espírito a (determinado estudo ou trabalho intelectual); Instrução, saber, estudo; Apuro; perfeição; cuidado. BUENO, Silveira (2007)

peças que já se encontram em ambientes segregados socialmente. Observamos espaços que são excludentes, principalmente para as minorias. Quando se fala sobre o direito à cultura para os brasileiros, pensa-se em algo abrangente e de fácil acesso; entretanto, percebemos que, ao falar de artes visuais (principalmente arte contemporânea e arte acadêmica), não existe uma arte no Brasil que seja por inteiro abrangente e irrestritamente alcançável para todas as pessoas (SANTAELLA, 2008). Hoje temos uma arte que aos poucos se aproxima das massas, uma arte um pouco mais acessível e livre de muitas complexidades. Observamos Banksy, Koons e Romero Britto, que por atração visual e fácil compreensão alcançaram grupos sociais que não pertencem à elite social, política ou artística. Entretanto, ainda é necessário investigar se mesmo a arte acessível alcança todos os públicos, principalmente as pessoas idosas, que são o principal tema deste trabalho.

É importante notar que hoje a arte ganha um importante papel que vai além das concepções de estética, estando ele dentro do âmbito da política, além das dimensões de convivência, sociedade, cultura... embora essa mesma arte, para a esfera pública, enfrente um conflito entre o elitismo e o igualitarismo. O igualitarismo traz uma relativização estética e multiplicação daqueles que se beneficiam, enquanto que o elitismo acarreta num reconhecimento de hierarquia de valores dos artistas pré-estabelecidos pelos *experts* na área, na concentração de créditos em uma minoria nuclear e pré-seleção de indivíduos designados (CULTURE ET MÉDIAS 2030, 2011).

Entretanto, cada vez mais surge a necessidade de criar novas esferas artísticas que fogem da alternativa que existe num regime de raridade creditável. Existem hoje, de acordo com pesquisas feitas na França (CULTURE ET MÉDIAS 2030, 2011), movimentos artísticos que procuram desvencilhar-se dessa arte que, mesmo contemporânea, amarra-se, algumas vezes, às regras não escritas tradicionais de arte dentro de elites. Artistas que buscam educação popular e mediação, contidas dentro da ideia de um aprimoramento criativo e da participação econômica e social nas artes. A arte inserida no contexto de educação popular cria novos locais e constrói pontes entre os universos dos campos sociais associados a profissionais e amadores, quebrando as barreiras dos grupos elitistas existentes que fazem parte de uma parcela de arte segregadora, além de dar um novo rosto cheio de autenticidade e desenvolvimento popular criativo, criando novas histórias para uma população inteira. Um movimento

como este pode ser capaz de reterritorialização da arte e abolição de hierarquias artísticas e estéticas. Os novos campos artísticos embasados em educação e mediação podem ser capazes de trazer uma arte nova que além de ganhar novas características, vem também ganhando novos lugares. Exatamente por essa nova arte ainda ser muito jovem e estar começando a sair de espaços não conhecidos que se deve dedicar-lhe maior atenção, permitindo que os espaços informais se ampliem e alcancem grupos cada vez mais distantes dos espaços artísticos restritos, para que, assim, a arte possa pertencer com mais facilidade a todos e cada cidadão brasileiro tenha acesso irrestrito e direito à arte, como prevê a constituição brasileira.

A comunidade idosa no Brasil hoje passa por muitas dificuldades e uma delas é a discriminação sofrida por elites. De acordo com Whitaker (2010), o modelo capitalista em que este país se encontra e falta de conhecimento acerca da forma que o desenvolvimento do ser humano acontece colaboraram para que o idoso fosse marginalizado por seu próprio povo. Esta marginalização acontece por diversos fatores, incluindo um grande preconceito de que a pessoa idosa não é mais capaz de se desenvolver, comprometendo sua capacidade de produção de riqueza, complicações dentro das relações familiares que acompanham o processo do envelhecimento, aposentadoria e relações interpessoais.

Como já foi esclarecido no capítulo anterior, o aprimoramento cognitivo do ser humano se dá de forma diferente a partir do início do processo de envelhecimento e pode ser até intensificado caso o indivíduo tenha as condições necessárias de apoio e estímulo. Infelizmente, existe ainda bastante preconceito quando fala-se sobre o aprimoramento cognitivo e criativo de pessoas idosas, pois, para uma grande parcela da população, essa capacidade mental de melhoramento é muito pequena ou até mesmo inexistente. Com esta crença vem juntamente uma necessidade de segregação devido ao fato de os grupos economicamente ativos acreditarem que o grupo discriminado não tem mais competência para capacitar-se e continuar uma vida ativamente financeira (WHITAKER, 2010).

Juntamente com essas crenças, existe também o princípio de novos conflitos familiares que provém da inversão de dependências nos papéis do família nuclear. A família exerce um papel fundamental no fortalecimento das relações e desenvolvimento das capacidades sociáveis do ser humano. Entretanto, muitas vezes a família encontra

dificuldades em lidar e aceitar o envelhecimento de um parente. Os pais que cuidaram por muito tempo dos filhos passam a ser cuidados, e isso pode trazer muitas desavenças e incompreensão por parte daqueles que precisam cuidar do indivíduo idoso em questão. É possível perceber principalmente em famílias que vivem em desarmonia, onde não existe o respeito ou há históricos complexos de desentendimento, um relacionamento carregado de frustrações que pode tornar a vida do idoso difícil, acarretando num isolamento e medo de cometer erros do mesmo (GOSSI e SOUZA, 2003), (SILVA e DAL PRÁ, 2014). Para trazer um envelhecimento mais bem-sucedido às pessoas, é necessário envolver os idosos em atividades agradáveis que os façam se sentir bem, estando sempre em contato com outras pessoas e procurando incluí-los em situações que promovam seu bem estar longe de ambientes marginalizados (Faro et al. 2005)

1.3. Arte em ação: de aprendiz a artista

Partindo da afirmação de que a arte atua de forma significativa sobre o emocional do ser humano, tem um papel essencial em nossas vidas e age como intermediário entre nossas emoções, percepções sensoriais e imaginação (VYGOTSKY, 1998), ela pode atuar como um forte aliado do aprimoramento cognitivo, transformando-se em instrumento auxiliador dentro do espaço de educação. A arte atua como um mediador entre a compreensão dos sentimentos e compreensão da existência do ser. Aquilo que exterioriza o subjetivo da mente humana, mostrando-se de forma poética; é tomada de consciência e o elo entre subjetividade e objetividade. Compreendendo o poder da arte no aprimoramento das capacidades criativas do ser humano, é importante não a deixarmos de lado ao falar sobre aprendizagem: não apenas não deixando de lado, mas é necessário, também, trazê-las às esferas educacionais para todas as idades. A arte é uma poderosa ferramenta que pode tocar o mais íntimo do ser, levando-o a ter vontade de explorar novas capacidades jamais descobertas e potencializar aquelas que já existem. Portanto, deve-se pensar em

novos meios de construção de conhecimento por meio da arte, mesmo que não com a finalidade de aprender-se algo artístico em si, mas também para chegar-se a outros fins.

Considerando a importância da arte no desenvolvimento do ser humano, torna-se quase impossível a ideia da aprendizagem e formação de pensamento sem o uso da arte e da educação artística. Pensando dentro de um contexto de transdisciplinaridade, a arte não só traz frutos do conhecimento artístico bruto, como também proporciona o estímulo da criatividade, que pode facilitar o caminho entre a compreensão de qualquer assunto desejado. A imaginação proporcionada pela arte nos permite chegar a qualquer lugar e também auxilia a compreender temas difíceis, além de proporcionar, também, conhecimento sobre si mesmo, exteriorizando aquilo que nos é subjetivo demais para compreendermos utilizando ferramentas objetivas demais (BERNARDES; BORGES; BLATTMANN, 2005).

Para ilustrarmos essas ideias, seguimos as teorias de Reis e Zanella (2015) sobre uma ferramenta chamada de “oficinas estéticas”. Estas oficinas se constituem em oficinas de intervenção artística geradas para grupos sociais como uma forma de atuação da psicologia social no do campo das políticas públicas, fortalecendo e intensificando a criatividade e subjetividade no processo de singularidade do ser humano. As políticas públicas são programas de ações do governo voltadas para o desenvolvimento da comunidade e resolução de problemas enfrentados pelos grupos sociais em questão, procurando sempre a realização dos direitos fundamentais dos cidadãos. As oficinas estéticas agem como intervenções psicológicas que buscam enfrentar os problemas vividos pela comunidade e cuidar da valorização do ser de uma forma coletiva. São construções conjuntas que fortalecem os vínculos comunitários e procuram estabelecer um elo entre o subjetivo e o concreto; mesmo funcionando como um grupo de pessoas, um dos efeitos das oficinas estéticas é a auto compreensão da singularidade de cada um. Quando falamos sobre grupos de idosos dentro desse tipo de oficina, encontramos pessoas que passam a agregar outras atividades e compartilham histórias e vivências, passando a compartilhar emoções, afetos e convívios. As oficinas estéticas (REIS e ZANELLA, 2015) criam um espaço diferenciado que proporciona aprendizagem, aprimoramento intelectual e criativo, partilha de vivências singulares e interpessoais.

Ao falar de educação inclusiva e novos meios de aprendizagem, não se pode deixar de lado a educação para adultos. Denominada como “andragogia”, o ensino para adultos se dá de forma muito diferente da convencional que conhecemos em escolas ou dentro do ensino para crianças. De acordo com Malcom Knowles, a Andragogia é uma ciência antiga, responsável pela educação para adultos. Esta educação seria encarregada de proporcionar um tipo de aprendizagem de fato efetiva para os adultos, desenvolvendo suas habilidades, conhecimentos e potenciais. Para Knowles, os adultos aprendem com mais facilidade em ambientes mais descontraídos, confortáveis e informais, fugindo um pouco da ideia de educação formal que temos partindo de nossas primeiras experiências com a pedagogia na infância e o ambiente escolar formal. Dentro do modelo pedagógico tradicional, podemos observar a figura do professor como sendo a principal e mais autoritária, responsável pelas decisões de como e o que será ensinado aos alunos, responsável também pela parte de avaliação e como o conteúdo será aprendido: portanto, observamos nos modelos tradicionais de ensino uma falta de autonomia dos alunos e submissão às instruções do professor. Apesar de até hoje encontrarmos esses modelos tradicionais de aprendizagem em vigência, pode-se perceber novos métodos de ensino para crianças emergindo dentro de ambientes formais e informais de educação. Percebe-se, com o passar dos anos, uma mudança no cenário educacional, visto que pesquisas pertinentes como as de Freire (1993) sobre educação comprovam que os modelos de educação ancestrais até então não são de fato eficazes para todos os tipos de alunos, já que as pessoas se diferem no quesito forma de aprendizagem. Cada um é singular e possui histórias, contextos e composições biológicas e genéticas diferentes, portanto, é de se esperar que cada pessoa tenha uma configuração distinta no que diz respeito à forma que se aprende e se desenvolve.

Ao contrário do que vimos agora sobre os modelos tradicionais didáticos pedagógicos, de acordo com Knowles (1973 - 1990), a andragogia necessita de novas formas de organização de ensino. Sendo parte da antropologia, essa nova forma de educação é fundamentada a partir da teoria da necessidade de participação e horizontalidade. O processo educativo é instruído pelo facilitador (no caso, o professor) que tem o propósito de agregar pensamento, autoconhecimento e gestão, criatividade, estimular reflexão e participação do adulto. Esse modelo educativo proporciona a

valorização de experiências, estabelece uma situação de confiança, respeito e igualdade entre aluno e professor, além de procurar manter as motivações dos alunos, focando em situações que possam ser aplicadas na prática do cotidiano e elaborando conteúdo de interesse dos estudantes. Alguns exemplos de exercícios possíveis para colaborar com esses resultados são dinâmicas em grupo para que as pessoas possam compartilhar vivências e experiências de vida e comunicação entre professor e aluno, para que não se tenha dúvidas em relação às necessidades, dificuldades e facilidades dos estudantes.

A partir das considerações acima, é possível analisar a diferença entre duas situações: uma em que o aluno apenas recebe o conhecimento desejado pelo professor e não é dono de dos seus interesses, uma espécie de “tela em branco”, pronta para receber um conteúdo que não escolheu e de uma forma padronizada que não necessariamente irá se aplicar às suas necessidades. Do outro lado, temos um tipo de educação que foge do tradicional, em que o professor não é mais uma autoridade, e sim um mediador que irá se adequar às necessidades plurais de seus alunos, buscando sempre novas formas de captar interesse e despertar criatividade e novas experiências.

Juntamente com um ponto de vista mais andragógico da educação artística, somou-se a necessidade de trazer cada vez mais os espaços informais de aprendizagem fora do que é tradicional e buscar novos horizontes da percepção de como se dá a presença das artes visuais num ambiente socialmente segregado. Uma forma nova de abordar as questões ditas acima são as oficinas estéticas (já comentadas neste capítulo). Entretanto, quando falamos sobre oficinas estéticas, existe um olhar que está mais aprofundado nos universos da psicologia e da pedagogia do que das artes plásticas em si. Quando se articula sobre as oficinas estéticas, é possível achar muitas relações com a arteterapia, que não é exatamente o principal objetivo desta caminhada teórica até encontrarmos o projeto de pesquisa final deste trabalho. Com toda a teoria trazida até este momento e somando-se às novas intervenções psico-sociais de desenvolvimento e artísticas, é necessário olhar com outros olhos para um novo tipo de intermédio artístico dentro de grupos sociais.

Falamos, ao início deste trabalho, sobre as capacidades cognitivas do ser humano e seus aprimoramentos ao longo da vida, lembrando sempre da existência das

competências criativas e imaginativas das pessoas. Portanto, ao articularmos sobre as oficinas estéticas, podemos também pensar numa intervenção artística que não resulta apenas em melhoramentos nas capacidades cognitivas e criativas dos participantes, mas também, do aparecimento de poéticas ricas em significados ocultos relacionados à vida pessoal daquele que pratica o exercício da arte. Uma arte nova, que não buscará apenas respostas objetivas da mente e descobertas concretas do indivíduo usando uma ferramenta subjetiva, mas a emergência de um novo artista, que em contato com temáticas subjetivas, irá trazer significados novos para vivências já acontecidas sem o uso de palavras. Apenas com significados visuais, o participante dessas oficinas será capaz de revelar desejos, medos, inseguranças e diversos outros tipos de emoções apenas com signos. Uma nova espécie de oficina que, usando da arte, trará novos significados para as vidas de seus participantes, que com apenas uma leve mediação de um interlocutor, será capaz de associar imagens a significados ocultos e poéticas totalmente singulares (Richter e Rohr, 2013).

Ao falarmos sobre arte contemporânea, tiramos de primeiro plano a beleza técnica, que por muitos anos foi uma das principais funções das artes visuais. Hoje temos uma arte rica e pragmática que articula estética, significado, emoções, história e simbologia (Heinich, 2014).

De acordo com o observado ao longo das oficinas práticas desenvolvidas como pesquisa de campo futuramente citada neste trabalho, quando se leva oficinas de pintura a idosos excluídos de um núcleo artístico, não é difícil subestimar suas capacidades devido ao preconceito enraizado em nossa sociedade. Primeiramente devido à crença errônea de que as pessoas idosas param de se desenvolver com o tempo e em seguida, às segregações naturais que separam uma elite artística do resto das pessoas, ao falarmos de arte contemporânea. Entretanto, quando lembramos que as pessoas idosas não apenas são capazes de continuar se aprimorando cognitivamente após a velhice, como sua “inteligência cristalizada” é capaz de aumentar com o tempo, e todo ser humano é carregado de vivência e capacidade criativa, inserimos esse grupo selecionado, por meio de oficinas, dentro da arte contemporânea que traz estética, significado, emoções, história e simbologia, com o auxílio de ambiente apropriado, elaboração de temáticas e mediação social e simbólica (Wygotsky, 1998).

Para levarmos essa concepção de uma oficina que leva a arte às pessoas, ou melhor, uma oficina que leva ferramentas para que as pessoas produzam arte, é preciso pensar, formular e colocar algumas das ideias em prática de pesquisa-ação. A partir das problematizações de Chizzotti (2006) acerca das novas metodologias educacionais, em grupo e de resolução de problemas, percebe-se uma relação da pesquisa-ação com estudos de dinâmica social, sendo ela uma auxiliadora em solução de conflitos e esclarecedora de indivíduos de uma situação específica, proporcionando uma ação eficaz para o problema sustentado. A pesquisa-ação pode proporcionar uma remoção de obstáculos com uma comunicação dinâmica e sua metodologia possui características diferenciadas dos tipos de pesquisa convencional. De acordo com os estudos de Chizzotti (2006), primeiramente, é necessário buscar a definição do problema a ser enfrentado, além de buscar a instituição em que se deseja estudar o problema a ser resolvido; é preciso primeiro saber do que se trata e como se dá a dinâmica do lugar em que se deseja causar intervenção. Em seguida, é necessário formular uma problematização, para que seja possível saber o que precisa de resolução, além de definir previamente quais serão as melhores ações possíveis e, assim, dar início à introdução da ação em si. A partir do momento em que é sabida a ação necessária para resolver os problemas daquele ambiente selecionado, é fundamental executá-la com cautela e observação para que possa alcançar os resultados desejados. Finalmente, ao final de toda a experiência, deve existir uma avaliação de tudo o que foi produzido para revisar o plano e caso seja necessário, produzir outro plano de uma nova ação para uma nova análise. Depois de todo o processo, com um relatório sobre todo o procedimento praticado, os resultados conseguidos devem auxiliar novas discussões compartilhadas acerca das dificuldades de percurso, resultados e soluções para que a ideia de todo o problema somado à ação introduzida possa gerar ampliações da pesquisa.

A partir de todas as informações contidas nos capítulos 1, 2 e 3 do presente estudo, percebe-se a necessidade de uma pesquisa e uma ação no que diz respeito à relação entre idosos, arte e educação. É necessário olhar de formas novas a maneira que acontece o estímulo dos aprimoramentos mentais diversos da população idosa, que em alguns anos ultrapassará a população mais jovem. É necessário perceber que as pessoas idosas tem tanto potencial de melhoramento cognitivo quanto quaisquer

outras pessoas adultas, portanto, não podemos deixar de lado as medidas de políticas públicas que focam nas necessidades da população idosa. Somando-se à percepção de que precisam-se de novos caminhos de aprendizagem, comprova-se que a arte tem um poder grandioso e é um forte aliado em matéria de aumento de capacidades cognitivas e de criatividade. Com os novos estudos de oficinas estéticas que, com o uso da arte, proporcionam um espaço para progressos pessoais e de cunho psicológico, tem-se ainda a indispensabilidade das artes visuais fora do âmbito de arteterapia. Não se encontra hoje o objeto artístico como intensificador do desenvolvimento de pessoas idosas fora do contexto psicológico ou arteterapêutico. Portanto, para trazer um ponto de vista novo da aprendizagem que utiliza a arte visual contemporânea como aliada do aparecimento de novos conhecimentos, utilizou-se a metodologia da pesquisa-ação para dar início a uma pesquisa de campo que levou um ateliê de pintura a idosos de uma unidade institucional de acolhimento em Brasília no ano de 2018.

2. Roteiro da pesquisa de campo

O projeto e a pesquisa de campo foram aceitos e concluído como curso de extensão da Universidade de Brasília e realizado entre os dias 13 de abril de 2018 a 29 de junho de 2018. Com o nome “Ateliê de pintura com idosos acolhidos: desenvolvimento, subjetividade e arte em diálogo” e coordenado pela professora da Faculdade de Educação Tatiana Yokoy de Souza, sua ideia foi apresentada na Semana Universitária de 2017.

Com duração de 30h, o curso foi realizado em 12 encontros e 10 ateliês práticos, cada um com duração de duas horas e implementado na Unidade de Acolhimento para Idosos (UNAI) em Taguatinga - DF com objetivo de realizar um ateliê de pintura para os idosos moradores da instituição.

A Unidade de Acolhimento para Idosos é uma casa de acolhimento que realiza atendimento provisório, recebendo idosos em situação de vulnerabilidade ou que procuram receber algum benefício (como de saúde, emprego...) do Governo. Os

idosos da unidade residem aproximadamente 3 meses, podem ficar mais ou menos tempo dependendo de sua necessidade.

O objetivo principal das oficinas foi a promoção de processos de melhoramento cognitivo e psicológico dos idosos, incluindo aumento de interações sociais, maior abertura de conversa e intimidade, aprendizado formal de arte, desinibição, estímulo e exercício de habilidades motoras, reflexão pessoal sobre a vida, novas poéticas a partir do contato com a arte, construções de significados e de obras de arte e também proposta de contextos educacionais, colocando em diálogo a subjetividade e história da vida de cada um dos envolvidos, com a mediação de recursos artísticos e dialógicos.

Para colocar em prática os ateliês idealizados, foi necessária uma coleta de doações (por meio de cartazes espalhados pelo Instituto de Artes e chamadas nas redes sociais) de material de pintura. Ao todo foram doadas 3 caixas grandes contendo dezenas de potes de tinta guache e PVA de cores diversas, 30 pincéis de tamanhos variados, 5 rolos pequenos de plástico para pintura, dezenas de bandejas de isopor descartáveis, um metro de lona crua para pintura e suportes alternativos como pedaços de madeira, metal e plástico. Os materiais foram doados por doadores anônimos, pela escola Pedacinho do Céu do Guará - DF e pela Casa das Artes da Asa Norte. Com a falta de suporte de pintura mais homogêneo para os participantes, a Unidade de Acolhimento para Idosos doou incontáveis telas de tamanhos variados para o acontecimento dos ateliês. Os pedidos de doação ocorreram pela falta de financiamento. Com os materiais já coletados, submeteu-se ao DEX (Decanato de Extensão) da Universidade de Brasília a consolidação do projeto como projeto de extensão. Após três meses trâmite administrativo, a UnB formalizou a pesquisa como curso de extensão. Existiu também a necessidade de levar documentação à Unidade de Acolhimento para Idosos para autorizar a ação como projeto voluntário.

A partir de abril de 2018, foram realizados, ao todo, 12 encontros e 10 oficinas práticas de pintura. No primeiro encontro foi realizada uma abertura do ateliê com *coffee break*, em que foram convidados todos os idosos e servidores da unidade. Apresentaram-se as propostas do ateliê, as regras e foi feito um convite para que todos os idosos interessados pudessem participar. Em cada um dos ateliês foram levados temas subjetivos relativos às vivências de cada um dos idosos participantes, incluindo identidade, competências socioemocionais, infância, cidades e estados de origem,

famílias de origem e família atual, direitos dos idosos e envelhecimento bem sucedido, momentos marcantes da biografia, autonomia e projetos de futuro, autoavaliação e avaliação do curso, além de demonstrações e explicações sobre obras de arte mundialmente reconhecidas que fossem relacionadas com os temas escolhidos.

As atividades foram desenvolvidas pela estudante de Artes Visuais da Universidade de Brasília Camilla Santos Dantas e pela assistente social e coordenadora da unidade. Além de terem sido norteadas pela mediação de recursos de pintura e produção de narrativas sobre as histórias de vida dos idosos, os ateliês de pintura contaram também com auxílio técnico, esclarecimentos sobre arte acadêmica e trocas de experiência enriquecedoras. Os registros do curso foram feitos com diário de campo, fotos e áudio dos diálogos estabelecidos ao longo de todas as atividades.

Segue abaixo detalhamento de cada encontro do curso:

Encontro 1: Apresentação da proposta do ateliê de pintura e construção cooperativa de contrato de convivência grupal

Data de realização: 06 de abril de 2018

Data: 13 de abril de 2018

12 participantes.

O primeiro encontro incluiu uma dinâmica de apresentação de toda a equipe do curso, dos idosos participantes, dos objetivos e da metodologia do trabalho. Foi estabelecido um contrato de convivência, no qual se definiram as normas internas de funcionamento do grupo. Foram exploradas as expectativas dos envolvidos, esclarecidas as dúvidas dos idosos sobre o curso e foram acolhidas sugestões para o desenvolvimento das oficinas.

Encontro 2: Oficina de Pintura 1: Identidade

Data de realização: 13 de abril de 2018

12 participantes

O segundo encontro envolveu a apresentação de imagens e autorretratos de pintores reconhecidos mundialmente, como Henri Matisse, Pablo Picasso, Tarsila do Amaral e Édouard Manet. Ao longo da oficina, os idosos desenvolveram seus autorretratos e dialogaram sobre a sua identidade e sobre os contextos

socioculturais que influenciaram a construção da sua subjetividade. Ao final do ateliê, foi feita uma roda de conversa para saber qual foi a percepção deles acerca da experiência vivida. Percebeu-se que alguns idosos sentiam-se descrentes em relação a suas capacidades de aprendizado, afirmando que pessoas idosas não são mais capazes de aprender coisas como pintura. Alguns dos idosos participaram apenas como observadores do ateliê, não sendo todos os que participaram efetivamente da atividade prática. Nesse primeiro ateliê, ainda estava-se a procura de suportes mais resistentes (como quadros), então os idosos fizeram suas pinturas em papel sulfite para uma experiência inicial. Percebeu-se uma certa dispersão devido ao local em que se realizou o ateliê: uma varanda da unidade. Nessa varanda, muitos papéis voaram e percebeu-se um desestímulo por parte dos idosos devido a esses detalhes.

Encontro 3: Oficina de Pintura 2: Competências socioemocionais e abstração

Data de realização: 20 de abril de 2018

11 participantes

O terceiro encontro envolveu a apresentação de pinturas abstratas de artistas reconhecidos mundialmente, como Jackson Pollock e Wassily Kandinsky. Ao longo da oficina, os idosos desenvolveram trabalhos artísticos que enfatizavam cores e pinturas abstratas e dialogaram sobre a complexidade das emoções humanas e sobre sentimentos associados às suas experiências de vida. Percebeu-se que alguns idosos se sentiram mais à vontade depois do segundo ateliê, se mostrando mais interessados e conversando mais com a equipe e outros idosos. Alguns dos participantes estiveram presentes apenas como observadores, sendo apenas alguns idosos participantes da atividade prática. A partir desse segundo ateliê, a unidade disponibilizou telas próprias para pintura e o ateliê tomou lugar no refeitório do local. Os idosos pareceram menos dispersos e mais interessados em dar prosseguimento com as práticas de pintura.

Encontro 4: Oficina de Pintura 3: Infância

Data de realização: 27 de abril de 2018

11 participantes

O quarto encontro envolveu a apresentação de obras artísticas utilizando colagens e representações de vivências de infância. Os idosos puderam refletir sobre seus processos de desenvolvimento ao longo da infância, trocar experiências e ofertar apoio social e emocional uns aos outros. Ao longo da oficina, os idosos desenvolveram trabalho artístico a partir da representação das atividades que costumavam realizar durante sua infância, cantigas infantis e brincadeiras de que costumavam participar. Muitos se sentiram saudosos ao lembrar de suas cidades de origem e outros descreveram detalhadamente a vida gostosa que levavam na roça onde moravam. Tiveram apenas 6 participantes da atividade prática, os outros idosos estiveram presentes como observadores.

Encontro 5: Oficina de Pintura 4: Cidades e estados de origem

Data de realização: 04 de maio de 2018

9 participantes

O quinto encontro envolveu a apresentação de imagens de obras artísticas nas quais os pintores representavam suas cidades de origem e de músicas regionais que remetiam às cidades de origem dos idosos. Ao longo da oficina, os idosos desenvolveram trabalho artístico a partir de representações sobre as suas cidades e estados de origem, com objetivo de valorizar a diversidade das populações brasileiras e as experiências culturais dos idosos acolhidos. Alguns idosos participaram apenas como observadores.

Encontro 6: Oficina de Pintura 5: “ Famílias de origem e família atual”

Data de realização: 18 de maio de 2018

11 participantes

O sexto encontro envolveu a apresentação de imagens de obras artísticas de Almeida Júnior, seguida da representação de seus familiares. Além disso, foi discutido o conceito de família para a política de assistência social e valorizou-se a diversidade das configurações de famílias contemporâneas. Ao longo da oficina, os idosos desenvolveram trabalho artístico a partir de representações sobre as suas famílias de origem, com objetivo de resgatar os vínculos familiares fragilizados ou rompidos e fortalecer os vínculos sociais entre os idosos, ao se considerar o grupo de idosos

acolhidos na UNAI enquanto uma família. Percebeu-se a concepção de obras poeticamente muito fortes que mostraram memórias de perda dentro da família, trazendo à tona o sentimento dos idosos que as produziram. Alguns idosos preferiram participar como observadores.

Encontro 7: Oficina de Pintura 6: Direitos dos idosos e envelhecimento bem sucedido

Data de realização: 01 de junho de 2018

9 participantes inscritos

O sétimo encontro envolveu a discussão coletiva de notícia de jornal sobre os direitos dos idosos brasileiros e os pontos positivos e negativos de envelhecer em nossa sociedade. Ao longo da oficina, os idosos desenvolveram trabalho artístico com objetivo de fortalecer a cidadania dos idosos e refletir sobre processos de envelhecimento bem sucedido. Durante o ateliê, muito se discutiu sobre suas vidas e como é ser idoso em nossa sociedade e a prática trouxe reflexões profundas em relação a uma cultura que não respeita seus idosos. Alguns participantes preferiram participar como observadores.

Encontro 8: Oficina de Pintura 7: Momentos marcantes da biografia (parte 1)

Data de realização: 8 de junho de 2018

9 participantes

O oitavo encontro envolveu a discussão de momentos marcantes da trajetória de desenvolvimento dos idosos, com objetivos de ressignificar experiências de vida, trocar experiências e construir suporte social e emocional. Ao longo da oficina, os idosos desenvolveram trabalho artístico que representaram momentos significativos da sua biografia, contextualizando suas experiências em contextos sociais, culturais e históricos do seu desenvolvimento. Ao longo do período prático de ateliê, percebeu-se que os idosos se sentiam mais abertos para compartilhar experiências de vida e estavam mais conversativos uns com os outros. Ao final do dia, na roda de conversas, tivemos um feedback muito positivo dos idosos participantes, que demonstraram interesse em continuar participando dos ateliês. Alguns idosos preferiram participar como observadores.

Encontro 9: Oficina de Pintura 8: Momentos marcantes da biografia (parte 2)

Data de realização: 15 de junho de 2018

4 participantes

O nono encontro envolveu a discussão de uma leitura sobre envelhecimento, problematizada por estudante de Psicologia, e deu continuidade à programação do encontro anterior. Neste encontro, surgiram novas histórias e momentos marcantes da vida de cada um dos idosos. Os participantes demonstraram felicidade e interesse na atividade prática.

Encontro 10: Oficina de Pintura 9: Autonomia e projetos de futuro

Data de realização: 20 de junho de 2018

4 participantes

O décimo encontro envolveu a discussão a troca de experiências entre os idosos, que dialogaram sobre as próprias condições de autonomia, a sua inserção social e comunitária e os seus projetos de futuro. Ao longo da oficina, os idosos desenvolveram trabalho artístico na qual se projetaram no futuro, empregando funções de imaginação, reflexividade e visualização criativa de suas possibilidades de trajetórias de desenvolvimento. Alguns dos participantes que no início do curso não demonstravam muita perspectiva de futuro, ilustraram e compartilharam com o grupo planos e anseios para os próximos anos. Foi possível perceber, de forma geral, que os idosos participantes acreditavam mais em sua autonomia e conseguiram relacionar um significado concreto a pinturas abstratas, trazendo uma nova poética às suas criações.

Encontro 11: Oficina de Pintura 10: Autoavaliação e avaliação do minicurso

Data de realização: 22 de junho de 2018

4 participantes

O encontro 11 envolveu uma autoavaliação por cada idoso que participou do curso e a avaliação coletiva das atividades. Foram estabelecidos diálogos sobre mudanças subjetivas e na convivência social e comunitária dos idosos, desde o início do curso. Os idosos desenvolveram pinturas sobre como se percebiam antes e como se percebem atualmente, após participarem das oficinas.

No início do último ateliê, alguns idosos demonstraram uma certa tristeza por saber que aqueles encontros não iriam mais acontecer. Os que estavam presentes trabalharam com muito afinco e ao final da oficina, foi feito, como em todos os outros ateliês, uma roda de conversa para que uma avaliação do dia pudesse ser feita. Todos os idosos participantes disseram que estavam muito felizes com o progresso e estavam muito gratos por terem tido aquela oportunidade. Elogiaram a equipe que colaborou com o andamento do projeto e dois dos idosos demonstraram muito interesse em continuar pintando, mesmo sem a presença dos ateliês coletivos.

É impossível não notar a mudança de comportamento de todos os idosos que participaram, comparando com o dia do primeiro ateliê e o último. Os próprios participantes foram capazes de perceber que não eram os mesmos de quando participaram do ateliê pela primeira vez, além de se manterem otimistas em relação ao futuro que vinha pela frente e buscando novas perspectivas para continuarem seus trabalhos artísticos sem a mediação do ateliê levado a eles.

Encontro 12: Atividade de encerramento e planejamento coletivo de exposição

Data de realização: 29 de junho de 2018

11 participantes

O último encontro com o grupo de idosos acolhidos envolveu a realização de atividade de encerramento do curso e uma exposição interna das obras produzidas pelos idosos ao longo das oficinas de pintura. Participaram do encontro os idosos acolhidos, a equipe da UNAI, equipe do curso de extensão, familiares, fotógrafo, músico; representantes da Secretaria de Estado de Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos – SEDESTMIDH ; e outros convidados. Além disso, foram iniciadas as discussões para o planejamento coletivo de exposição externa das obras produzidas pelos idosos, ocasião em que alguns idosos demonstraram interesse em participar e em dialogar com outros grupos sociais sobre o curso e sobre suas experiências de vida, representadas nas suas obras. A exposição das pinturas pode ser realizada em galerias de arte, cafés, eventos universitários e/ou institucionais, dentre outras possibilidades.

No dia 24 de setembro do mesmo ano, foi realizada uma exposição na Semana Universitária no corredor do prédio 5, em frente ao auditório Dois Candangos da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. A exposição contou com 29 quadros feitos nos ateliês que foram cuidadosamente pendurados em painéis de madeira branca, trazendo uma sensação de galeria dentro da Universidade. Dos idosos artistas, dois foram ver seus trabalhos expostos e tiveram chance de conversar com o público e relatar suas experiências. A exposição ficou gratuitamente aberta a visitantes das 9h às 18h.

Alguns meses após o encerramento, o Museu Nacional da República abriu uma semana de disponibilidade de espaço para que os idosos artistas pudessem expor suas obras lá. A exposição aconteceu do dia 27 de novembro a 2 de dezembro de 2018 no anexo do Museu Nacional da República. O flyer de divulgação encontra-se no Anexo A.

Em seguida, apresento 10 das obras pintadas pelos idosos ao longo dos ateliês de pintura que compuseram o curso de extensão, acompanhada pelo discurso de seus autores e suas reflexões sobre as obras.



Figura 1: Três planetas sob a luz do sol (Sobre cores)

Daniel Valdivino, 2018

Guache sobre tela

40x40 cm

“Quando eu estudava com minha mãe sobre geografia, ela falava muito sobre geografia humana, astronômica, física... às vezes a gente falava em Terra, e não sabe nem do solstício e parte da geografia é.. é física, é a Terra. E me falava assim do Sol, como o Sol clareia todos esses planetas... o Sol é tão pequenininho assim, como a gente vê? Não. o Sol é um milhão e trezentas mil vezes maior do que a Terra, eu não sabia. Os três, como se fosse Terra, Marte ou Mercúrio. Você consegue ver mais de

perto... o menor é Marte. O nome do quadro é “Três Planetas sob a luz do Sol”. Entendeu? Ele derramando aquela camada quente, de 400 graus celsius.”



Figura 2: Liberdade (Sobre cores)

José Ferreira, 2018

Tinta guache e PVA sobre tela

40x40 cm

“Quando a senhora mostrou o papel e falou que as cores representam isso e isso e isso, cada cor é uma coisa... aí eu me lembrei duma época, assim, que eu... já contei a história aqui... eu comecei a fazer pensando nessa época, que eu era uma pessoa que era bem mais novo, era uma época que a gente pensava muito em liberdade. Eu o tempo todo tava pensando nisso, nessa época... aí quando a senhora perguntou o nome do quadro, eu falei assim “liberdade”. Porque era uma época bem legal, me trouxe uma memória muito especial dessa época, inclusive foi a época que eu falei. Falei, então vai ser liberdade mesmo, porque eu me senti bem à vontade mesmo e é a

primeira vez que eu fiz algo foi figurativo, não achava que eu tinha a capacidade ou a liberdade de fazer uma coisa abstrata. Hoje com incentivo acabou saindo!”



Figura 3: Curioso (Sobre cores)

Adão Alves Martins, 2018

Tinta guache sobre tela

40x40 cm

Adão “como a senhora tá vendo, parece uma tira imperfeita, não é perfeita. Aqui é uma tira imperfeita, a pessoa também pode entender como um S, pode entender como um bocado de coisa.”

Daiane:” O ‘S’ simboliza alguma coisa?”

Adão: “Não, o ‘S’ são só as curvas sinuosas da vida. O nome é ‘curioso’.”



Figura 4: Folha (Sobre infância)

Adão Alves Martins, 2018

Tinta guache e PVA sobre tela

40x40 cm

Adão: “Essa folha parece eu perdido nesse mundo. (risada) É uma folha sozinha”



Figura 5: Imaginário (sobre infância)

Manoel Messias Alves Pereira, 2018

Caneta hidrocor sobre tela

40x40 cm

"O meu quadro é muito simples. O meu quadro é apenas o início de um aprendiz... eu tenho vontade de desenvolver... então eu faço o que eu.. o que eu imagino, o que eu sinto. É isso. Eu adoro fazer coisas que eu nunca fiz na minha vida."



Figura 6: Árvore (sobre infância)

Davi Domingues, 2018

Tinta guache sobre tela

40x40 cm

“Com as cantigas tocando... eu fiz uma árvore. Ah... é o mundo a nossa volta.”

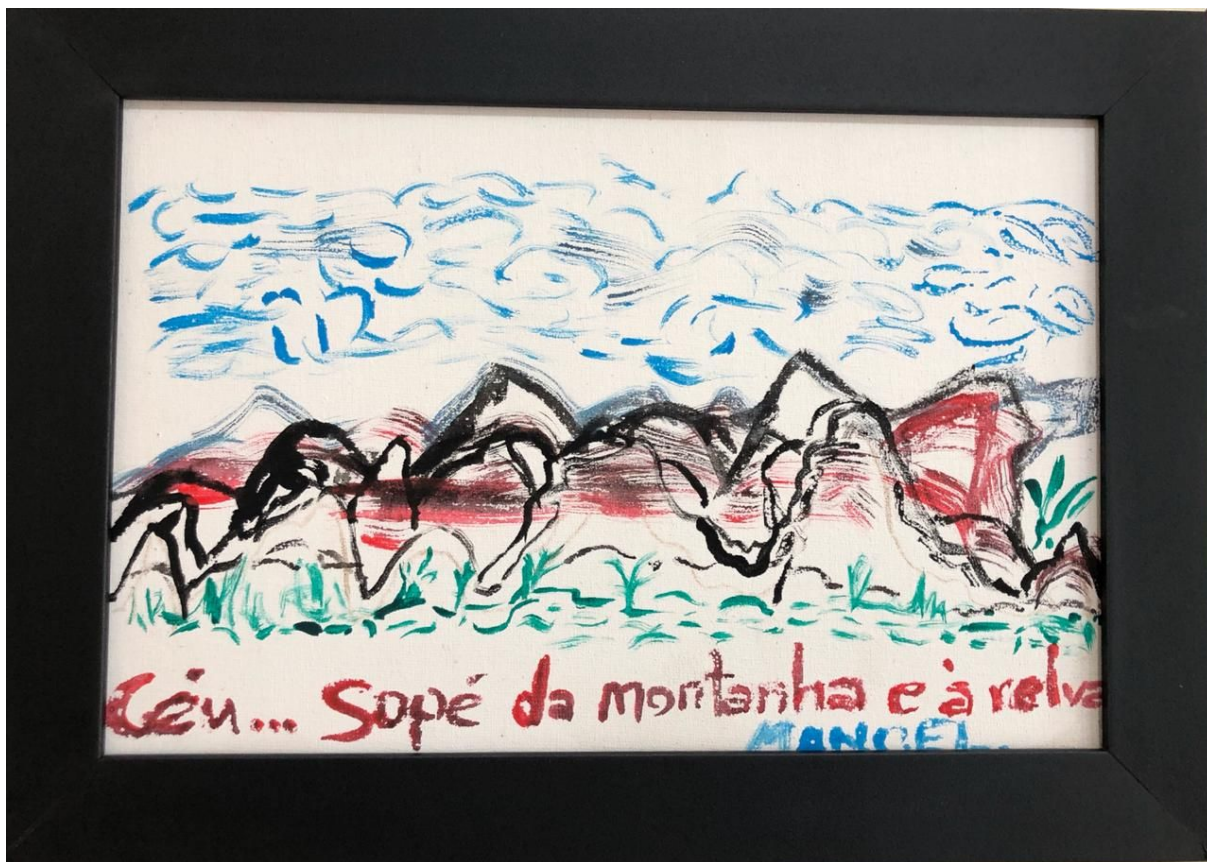


Figura 7: Sem Título (sobre lugares de origem)

Manoel Messias Alves Pereira, 2018

Tinta guache sobre tela

20x30 cm

Manoel: “Meu quadro é um quadro infantil, mas adulto ao mesmo tempo. Adoro montanhas... adoro a cidade, mas pra eu curtir... é a montanha. Então é isso. Ah, eu me transformo... sou tipo um silvícola. Mas com conhecimento dos centros urbanos! Pra mim é isso.”

Camilla: “esse quadro é inspirado em algum lugar que o senhor já passou?”

Manoel: “Sim! É inspirado na minha região, que tem muitas serras.”



Figura 8: Prisão Familiar (sobre família)

José Ferreira Campos Júnior, 2018

Tinta guache sobre tela

“Meu quadro é... quando você falou de família... eu tenho um filho que tá preso, e ele estando preso, nós todos nos sentimos presos. Então... enquanto ele não sair de lá, toda minha família vai estar presa aqui, inclusive eu. Meus filhos, minha ex-mulher... eles acham, também. Tem hora que parece que falta gás pra gente fazer as coisas... quando falou em família, na hora eu pensei em fazer meu filho, mesmo. Mas, é... também quando eu penso me traz até alegria, porque no final do ano ele vai sair... é... quando a senhora voltar aqui, nem vai parecer eu, porque vou estar sem barba e sem cabelo! Quando eu fui lá visitar ele, ele disse que minha barba e meu cabelo estavam um pouco grande e perguntou quando eu ia cortar. Eu disse ‘só quando você sair daí!’ (risadas). Quando ele sair eu vou dar uma repaginada. Não só na minha aparência,

mas também na minha vida. Tô preparando, porque eu vou voltar. Quando ele sair de lá, eu tô voltando também.”



Figura 9: Mãe e Filho (sobre família)

Tereziano Mendes Fernandes, 2018

Tinta guache e PVA sobre tela

“Isso aqui é... quando eu separei da minha esposa, isso aí, no caso, eu deixei ela com um bebê pequenininho. Foi muito triste pra mim, e pra ela também. Isso aqui é uma parte da história. Quando eu saia pra almoçar, eu não aguentava, não. Eu chorava. Quando eu separei da mulher, ela tava com um bebê. Isso foi em 89.”

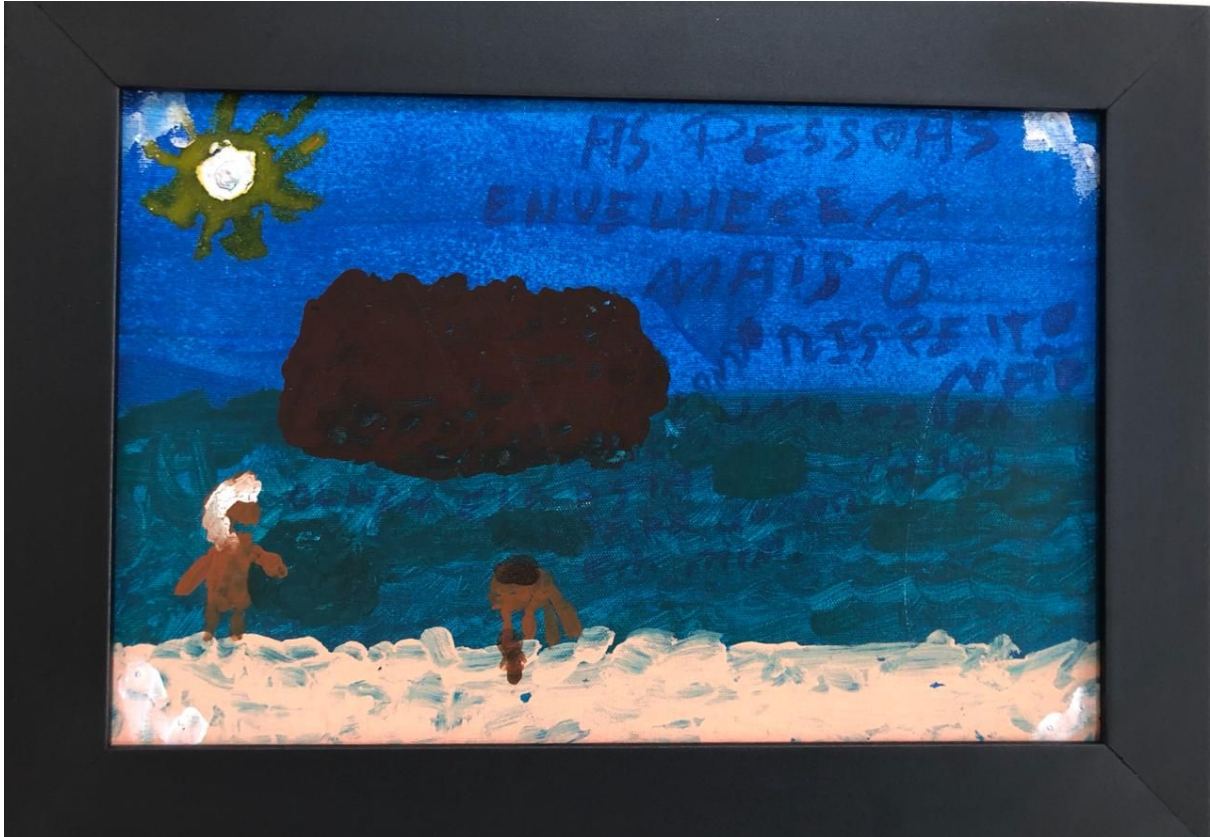


Figura 10: Sem Título (sobre direitos dos idosos)

José Lins de Aragão, 2018

Tinta guache sobre tela

20x30 cm

“Vendo essa juventude que está a nossa frente... assim... anos luz, digamos assim... não temos esse conhecimento que esses jovens hoje tem. Quando eu era jovem, eu respeitava os adultos, os anciões. Eu fui educado assim. Infelizmente, hoje, esse respeito não existe mais. Principalmente quando essas pessoas estão drogadas ou revoltadas com um monte de coisa. Por isso eu fiz esse quadro, mostrando um jovem pegando uma pedra pra atirar num ancião.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das referências teóricas e pesquisa de metodologias, foi possível dar início ao projeto de pesquisa de campo. Percebeu-se a extrema importância de compreender primeiro as raízes de uma situação para poder, efetivamente, aplicar metodologias para solucionar problemas. Confirma-se, portanto, a necessidade de saber da situação do envelhecimento demográfico no Brasil para entender a indispensabilidade de novas políticas públicas juntamente com métodos que incentivem e promovam o bem-estar e autonomia das pessoas idosas. Juntamente com pesquisas que comprovam a continuidade da capacidade de aprendizagem, não se deve esquecer da comunidade idosa ao pensar em novos métodos que estimulem conhecimento, acesso à cultura, lazer, autonomia e autoestima.

Com um esclarecimento que denota a existência de uma elite artística que afasta a arte de meios segregados, é necessário trazer à tona e multiplicar os novos veículos sociais que levam a arte a todas as classes sociais fora do núcleo privilegiado artístico. Esses meios recentes de levar artes a novos lugares proporcionarão uma cada vez maior diversidade da arte, além de territórios até então inabitados para contribuir com uma renovação da sociedade caminhando junto com a arte. Partindo da ideia de participação de uma nova arte com aprendizagem que é capaz de ganhar novos territórios, temos em questão as duas metodologias pesquisadas previamente antes de dar início à prática da pesquisa de campo, que comprovaram sua eficácia na prática experimentada pela própria estudante pesquisadora. Utilizando das oficinas estéticas somadas à pesquisa-ação obteve-se resultados inimagináveis além da resolução de problemas previstos. Os ateliês de pintura foram capazes de trazer de volta memórias agradáveis dos idosos participantes, além dos temas que trouxeram reflexões e estímulo de suas inteligências emocionais e afetivas. O contato com a pintura e arte teórica levaram prazer aos integrantes, fazendo com que estes se sentissem mais à vontade para socializar-se com os outros idosos e permitindo um progresso em suas capacidades de relacionamento. Levaram, também, o estímulo da imaginação e criatividade dos idosos, trazendo de volta memórias e conduzindo indagações sobre suas vidas, permitindo que estes pudessem criar poéticas novas para os quadros pintados, além de atrelar signos visuais a simbologias próprias e

singulares. A prática dos ateliês levou os participantes a compreenderem um pouco da arte contemporânea, que antes se encontrava tão distante de suas vidas, e técnicas sui generis de pintura, a partir da prática, que contam uma vida inteira sobre cada um sem o uso de palavras ou explicações.

A pesquisa, para mim, trouxe significados e descobertas importantes sobre tudo e até sobre mim mesma. Dentro do que já sabia, descobri cada vez mais a beleza de se levar a arte para a comunidade. A riqueza que a singularidade de cada ser humano pode trazer para as mais novas poéticas das artes visuais é imensa! Na caminhada teórica até o início do projeto prático, percebi uma dificuldade muito maior que sequer imaginava, primeiro pela falta de material teórico sobre o assunto e as barreiras invisíveis que afastam os idosos acolhidos da arte que conhecemos e falta de apoio do núcleo artístico. Essas dificuldades me trouxeram mais vontade de concretizar um projeto que fora tão pensado desde os primeiros minutos de ideia. Estar dentro de um ambiente artístico que segrega o lado de fora me trouxe energias e ânimo para colaborar com a mudança, já iniciada, dessa realidade.

Ao entrar em contato com os idosos participantes do projeto, encontrei-me coberta de preconceitos. Apesar do que a literatura nos diz, é difícil de acreditar na prática a capacidade que as pessoas idosas, principalmente dentro de uma instituição de acolhimento, tem de aprender e conhecer sobre o mundo filosófico da academia artista. Espantei-me com a sabedoria dos participantes e suas vivências extraordinárias! Alguns conheciam artistas contemporâneos, outros conheciam filósofos célebres e alguns tinham um domínio inexplicável sobre geometria e aritmética. É impossível dizer que os únicos afetados pela prática dos ateliês foram os idosos participantes. Não só eu, mas toda a equipe auxiliar da unidade adentrou-se nas mais belas, tristes e profundas histórias contadas naquelas doze semanas. Mergulhei nas profundas histórias que tocaram minha alma enquanto artista plástica, pesquisadora, educadora em artes visuais e ser humano. Me soltei dos preconceitos e, só assim, fui capaz de desenvolver minhas habilidades sociais e capacidades de guiar um ambiente de aprendizagem. Além de todas as experiências ganhas, fiz amigos e conheci artistas contemporâneos que, até abril de 2018 sequer já tinham colocado um pincel na mão.

Com esta pesquisa de campo enriquecedora, percebi a seriedade e urgência de se levar a arte aos ambientes segregados: eles são minas de ouro.

3. ANEXOS



EXPOSIÇÃO
HISTÓRIAS PINTADAS:
ATELIÊ DE PINTURA COM
IDOSOS ACOLHIDOS

Abertura
Dia 27 de novembro de 2018
Às 19h30

Visitação
De 28 de novembro a 2 de dezembro de 2018
De 09h às 18h30

Anexo do Museu Nacional da República

Entrada Franca

Curadoria: Camilla Dantas

Apoio:

IdA
25 anos

 Dialogo
Laboratório de Práticas Dialógicas em Educação
Faculdade de Educação

 **SEDESTMIDH**
Secretaria de Estado do Trabalho, Desenvolvimento Social,
Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos

 FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE GOIÁS

 CASA DAS ARTES

 Universidade de Brasília

 Museu Nacional
Conselho Interministerial
Cultura, Ciência e Tecnologia

 Secretaria de Cultura

 GOVERNO DE **BRASÍLIA**

Anexo A - Flyer de divulgação da exposição

Arte por Andresa Augstroze




GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE TRABALHO, DESENVOLVIMENTO SOCIAL,
MULHERES, IGUALDADE RACIAL E DIREITOS HUMANOS DO DISTRITO FEDERAL
Unidade de Acolhimento para Idosos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins de direito, eu, Daiane Souza Guedes, Gerente da Unidade de Acolhimento para Idosos - Unai autorizo o uso das imagens dos idosos os quais participaram do Ateliê de Pintura da Unai para fins de exposições, trabalhos acadêmicos, divulgação e publicação de trabalho artístico-cultural, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, áudios e filmagens.

As imagens, áudios e vídeos poderão ser exibidas: parcial e/ou total, em apresentação audiovisual, publicações e divulgações em exposições.

Taguatinga Norte – DF, 16 de novembro de 2018.


Daiane Souza Guedes
Gerente da Unidade de
Acolhimento para Idosos-UNAI
Mat: 176.678-3

Daiane Souza Guedes

Nome: Daiane Souza Guedes

RG: 2928145 SSP/DF

CPF: 726.047.511-00

Telefone: 3346-7960 / 99985-7733

Endereço: Unidade de Acolhimento para Idosos – Unai, QNF – 24, Área Especial, Taguatinga Norte – DF, CEP: 72125-740

Casa Viva - Unidade de Acolhimento para Idosos
QNF 24 Área Especial – Taguatinga Norte DF – CEP: 72.125-740
Fones: (61) 3346-7960 - 3345-5825 e 3345-2226
casaviva@sedest.df.gov.br

ANEXO B - Autorização do uso de imagem

REFERÊNCIAS

BERNARDES, L. L. R; BORGES, I.; BLATTMANN, U. A arte-educação como intervenção psicológica. Revista ACB, v. 8, n.1, p.25, agosto de 2005.

*Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988. 292 p. BRASIL. Constituição(1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil.*

CASANOVA dos Reis, Alice. (2014). Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão.

CHIZOTTI, A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Editora Vozes Ltda, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2006

FARO, A. C.; GUSMÃO, J.; LEITE, C.; MENDES, M. A situação social do idoso no Brasi: uma breve consideração. 2005

FREIRE, Paulo. Política e Educação. 1993. São Paulo: Cortez Editora.

GOSSI, P. K. ; SOUZA, M. R. Os idosos e a violência inviabilizada na família. Revista Virtual Textos & Contextos, no 2, dez. 2003.

IBGE. Relações entre as Alterações Históricas na Dinâmica Demográfica Brasileira e os Impactos Decorrentes do Processo de Envelhecimento da População. 2016

HAVIGHURST, ROBERT J., and RUTH ALBRECHT. Older People. 1953 Pp. xvi, 415. New York: Longmans, Green and Co.

HEINICH, N. Práticas da Arte Contemporânea: Uma abordagem pragmática a um novo paradigma artístico. Sociologia&Antropologia, Rio de Janeiro, v. 04.02: 373 - 390, 2014

KNOWLES, MS (1973, 1990), *do aluno adulto. Uma espécie negligenciada*. 4ª ed. Houston: Gulf Publishing.

Ministère de la Culture et de la Communication; Secrétariat général; Service de la coordination des politiques culturelles et de l'innovation; Département des études, de la prospective et des statistiques (DEPS). *Culture & Médias 2030*. Paris, 2011

NERI, A. O legado de Paul. B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas em Psicologia* - 2006, vol. 14, n1, 17-34

NERI, A.; RABELO, D. *Intervenções psicossociais com grupos de idosos*. São Paulo, 2013

REIS, A.; ZANELLA, A. *Psicologia Social no campo das políticas públicas: oficinas estéticas e reinvenção de caminhos*. *Revista de Ciências HUMANAS, Florianópolis*, v. 49, p.17-34, janeiro-junho de 2015

RICHTER, Sandra R.; ROHR, Bibiana C. *Oficinas poéticas: tempos e espaços lúdicos entre crianças e adultos*. *Revista Jovens Pesquisadores, Santa Cruz do Sul*, v. 3, n. 2, p. 21-31, 2013

SANTAELLA, Lúcia. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* Editora Paulus, São Paulo, 2008.

SILVA, A.; DAL PRÁ, K.. *Envelhecimento populacional no Brasil: o lugar das famílias na proteção aos idosos*. *Argumentum, Vitória (ES)*, n. 6, n. 1, p. 99-115, janeiro - junho 2014.

STALLABRASS, J. *Arte de Elite em uma era de populismo*. *Revista-Valise, Porto Alegre*, v. 4, n. 7, ano 4, julho de 2014

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1998

WALLON, Henri. *Do acto ao pensamento*. Lisboa: Portugália Editora, s/d. _____.

Niveaux et fluctuations du moi. *Revue Enfance*. Paris: Laboratoire de psycho-biologie de l'enfant. Numéro spécial. 1-2, p. 87-97, Jan-avr., 1963.

WHITAKER, D. *O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse “novo” ator social, titular de direitos*. *Cedes, Campinas*, vol. 30, n. 81, p. 179-188, maio de 2010